

## PERCEPÇÃO E INTERVENÇÕES TURÍSTICAS NA PAISAGEM NATURAL DO PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES (MARANHÃO, BRASIL)

### PERCEPTION AND TOURISM INTERVENTION IN THE NATURAL LANDSCAPE OF LENÇÓIS MARANHENSES NATIONAL PARK (MARANHÃO, BRAZIL)

Saulo Ribeiro dos Santos (S.R.S.)<sup>1</sup>  
Miguel Bahl (M.B.)<sup>2</sup>

#### Resumo

A paisagem está relacionada a tudo aquilo que a visão alcança, mas também é formada por cores, movimentos, odores, sons, entre outros aspectos. Ou seja, através das sensações é possível compreender as inter-relações que existem na paisagem. E o turismo, utiliza-se da paisagem, pois, esta sendo uma combinação dinâmica de elementos, de relações espaciais, possui uma capacidade de transmitir a imagem que se pretende comercializar para o turista. Desta forma, objetiva-se no presente estudo, identificar as influências que o turismo estava promovendo na paisagem natural do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM), sob a ótica de turistas locais. A pesquisa tem como metodologia, a pesquisa descritiva, bibliográfica e documental. A coleta de dados ocorreu entre novembro de 2014 a janeiro de 2015, com aplicação de questionário via *online*. A análise foi quantitativa e qualitativa. Delimitou-se três locais de análise, devido serem os mais visitados na área do parque (Lagoa Azul, Lagoa Bonita e Caburé). Os resultados apontaram que os turistas perceberam intervenções do turismo na paisagem natural do Parque Nacional dos Lençóis, principalmente em dois atrativos, e que [também] as sensações quanto à audição, olfato, visão e tato são perceptíveis também. Levou-se a concluir que a paisagem é um forte recurso turístico do PNLM e que deve ser incluído nas ações de planejamento turístico para fins de conservação e preservação.

**Palavras-chave:** Intervenções, Paisagem natural, Parque nacional dos lençóis maranhenses, Turismo.

#### Abstract

The landscape is related to everything that the vision reaches, but it is also formed by colors, movements, odors, sounds, among others things. Through sensations it is possible to understand the interrelationships that exist in the landscape. Tourism is used as a landscape, since it is a dynamic combination of elements, of spatial relations, and has the capacity to transmit the image that is intended to be commercialized for the tourist. In this way, the objective of this study is to identify the influences that tourism promotes in the natural landscape of Lençóis Maranhenses National Park (PNLM), from the perspective of local tourists. The research is descriptive, bibliographical and documentary. Data collection took place between november 2014 and january 2015, with an online questionnaire application. The analysis was quantitative and qualitative. Three places of analysis were delimited, since they are the most visited in the area of the park (Lagoa Azul, Lagoa Bonita and Caburé). The

<sup>1</sup> Doutor em Gestão Urbana. Professor do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Pesquisa “Turismo, Cidades e Patrimônio”. Coordenador do Observatório do Turismo do Maranhão. E-mail: saulosantosma@uol.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação. Professor dos Programas de Pós Graduação em Turismo (Mestrado) e Geografia (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal do Paraná. Líder do Grupo de Pesquisa “Turismo e Sociedade”. Editor da Revista Eletrônica Turismo e Sociedade. E-mail: migbahl@gmail.com

results show that tourists perceive tourism interventions in the natural landscape of the Lençóis National Park, mainly in two attractions, and that also the sensations regarding hearing, smell, sight and touch are also perceptible. It is concluded that the landscape is a strong tourist resource of the PNLM and should be included in the actions of tourism planning for conservation and preservation purposes.

**Keywords:** Interventions, Natural landscape, Lençóis maranhenses national park, Tourism.

## 1. INTRODUÇÃO

A velocidade com que os problemas ambientais têm acontecido no mundo nas últimas décadas torna-se preocupante (Eagles & Mccool & Haynes, 2003), e, portanto, faz-se necessário compreender cada vez mais as intervenções que o homem promove na natureza (Segrado Pavón *et al.* 2013).

A criação de unidades de conservação, como a categoria parque nacional tem como subsídio a política ambiental brasileira que tem como fim a proteção legal de áreas naturais, incluindo a paisagem (Costa, 2002). Os recursos naturais também possuem uso turístico, e há um interesse por parte de gestores públicos e privados nestes (Brenner; Vega Leinert, 2014; Muñoz Flores, 2008), pois, há um crescimento no cenário de segmento turístico relacionado ao meio ambiente, em que a natureza é um componente importante “de modo que as áreas protegidas são cenários turísticos de relevância”<sup>3</sup> (Muñoz Flores, 2008, p. 292).

Os consumidores contemporâneos têm buscado consumir produtos turísticos relacionados à natureza (Eagles; Mccool; Haynes, 2003), como forma de “fugir” do *habitat* urbano, e este segmento tem tido um crescimento relativo nos últimos anos (Dias, 2003; Teles, 2011). A importância deste tema levou a Organização Mundial do Turismo (OMT) a realizar em 2002 o Ano Internacional do Ecoturismo (Dias, 2003; Teles, 2011). Portanto, analisar a paisagem em ambientes naturais, é fundamental para compreender como o turismo vem promovendo intervenções, principalmente em unidades de conservação, e também para saber as motivações desta demanda que busca o meio ambiente em suas diversas modalidades (Cebrián Abellán, 2013; Olmo, 2014). Assim, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM) tornou-se objeto de estudo desta pesquisa, pois, o estado do Maranhão tem direcionado políticas públicas de turismo para esta área (com mais intensidade desde os anos 2000), com a elaboração do plano estadual de turismo (Plano Maior) que designa esta região como um dos polos indutores do turismo maranhense (Maranhão, 2012). Assim, busca-se

---

<sup>3</sup> Texto original: *de modo que las áreas protegidas son ya escenarios turísticos de relevância.*

responder: como o turismo interfere na paisagem natural do PNLN sob a perspectiva da percepção de turistas locais? Os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa são de caráter bibliográfico e documental, e de campo, no qual se aplicou questionários via *email* e *Facebook* (entre os meses de novembro de 2014 e janeiro de 2015), com residentes em São Luís (capital do Maranhão), e que já tinham visitado o município de Barreirinhas (que compõe uma das cidades base para visitar o parque) e também os atrativos escolhidos (Lagoa Azul, Lagoa Bonita e Caburé) para análise.

Acredita-se que esta pesquisa torna-se válida, pois, verificou-se haver poucos materiais a respeito da relação da paisagem natural e o turismo na área do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, e como que os turistas compreendem tais intervenções sob o ponto de vista dos quatro sentidos (audição, olfato, tato e visão) e que percepções possuem sobre as influências turísticas na paisagem. Estrutura-se o artigo em oito tópicos, sendo o primeiro a introdução com breves considerações, o problema e objetivo. Em seguida, aborda-se sobre o turismo em áreas naturais; e a relação turismo e paisagem. No quarto tópico trazem-se aspectos relacionados a parques nacionais. Após, caracteriza-se o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Em seguida, a metodologia, os resultados e as considerações finais.

## 2. BREVES CONCEPÇÕES DO TURISMO EM ÁREAS NATURAIS

A prática do turismo em áreas naturais (Dias, 2003; Muñoz Flores, 2008) está relacionada à busca de locais fora das áreas urbanas que promovam o bem estar, experiências ao ar livre e com a natureza (Teles, 2011). Associado a esta experiência no meio natural, é fundamental direcionar políticas e estratégias (Brenner & Vega Leinert, 2014; Segrado Pavón *et al.*, 2013) para que a fragilidade do recurso natural, utilizada pelo visitante/turista não gere impactos negativos ao meio ambiente (Picornell, 1993). Desta forma, alguns autores (Dias, 2003; Gutiérrez-Fernández & Cloquell Ballester & Cloquell Ballester, 2012; Inskip, 1991; Moraes, 2014; Ruschmann, 2003; Teles, 2011) recomendam planos de manejo, estudos de capacidade de carga, zoneamento ecológico, estudos de impacto ambiental, entre outros, como meios para promover o equilíbrio do recurso natural e seu uso, seja ele para fins turísticos ou não (Newsome & Moore & Dowling, 2013).

A atividade turística, ao ser desenvolvida em determinado território (Cooper *et al.*, 2001), deve ser cuidadosamente planejada (Moraes, 2014), de maneira a mitigar e minimizar

os impactos negativos que podem ser gerados através do turismo (Newsome & Moore & Dowling, 2013; Picornell, 1993). Assim como estudos de impacto ambiental, existem metodologias de elaboração de planejamento sustentável da atividade turística para áreas naturais (Eagles & McCool & Haynes, 2003; Ruschmann, 2003).

O planejamento turístico torna-se essencial, pois, trata-se de um processo abrangente de decisão e ação, que organiza o futuro de uma localidade, para que esta possa aproveitar os recursos disponíveis sem comprometer a continuidade da atividade turística (Newsome & Moore & Dowling, 2013; Segrado Pavón *et al.*, 2013).

Teles (2011, p. 13) entende que avanços nas pesquisas entre turismo e meio ambiente, têm promovido uma radiografia dos impactos gerados pela atividade em áreas naturais, pois:

[...] com o avanço nas pesquisas ligadas ao turismo e meio ambiente, é possível pensar na atividade numa perspectiva racional, de modo a garantir equilíbrio entre o fazer turístico e o desenvolvimento ajustado aos princípios sustentáveis. Isso porque o crescimento desordenado da atividade turística no mundo e seus reflexos no meio ambiente são indicadores de ações altamente impactantes, fatos que passaram a ser a chave de reflexões acerca do ordenamento de novas destinações.

Na relação entre turismo e meio ambiente se tem buscado respostas quanto à preservação das características ambientais de um local, de forma a torná-lo atrativo para o visitante (Newsome & Moore & Dowling, 2013; Teles, 2011). Desta forma, identificar e analisar o impacto (positivo/negativo) ocasionado pelo turismo é fundamental para direcionar ações de planejamento que tornem a atividade uma prática saudável/sustentável em uma localidade, e principalmente envolvendo os atores participantes direta e indiretamente do turismo (Brenner & Vega Leinert, 2014).

Neste enfoque, o meio ambiente torna-se primordial, pois, o “ambiente natural é um sistema único” (Boullón, 2002, p. 114), no qual o turismo tem-se utilizado com frequência:

O ambiente, seja ele natural ou artificial, é o ingrediente mais fundamental do produto turístico. Entretanto, no momento em que a atividade turística acontece, o ambiente é inevitavelmente modificado, seja para facilitar o turismo ou durante o processo turístico. A preservação ambiental e os programas de melhoramento são agora uma parte fundamental de muitas estratégias de desenvolvimento e tais considerações são tratadas com muito mais respeito do que eram durante a primeira metade do século XX (Cooper *et al.*, 2001, p. 184).

Entender a temática ambiental no turismo requer reflexões sobre conservação e preservação, criando meios para minimizar os impactos negativos e maximizar os positivos (Newsome & Moore & Dowling, 2013; Picornell, 1993). Quanto ao estudo de caso da

pesquisa, mencione-se que o turismo pode forçar governos a preservarem áreas naturais, através da criação de Parques Nacionais, Áreas de Proteção Ambiental, Reservas Florestais, entre outros, com o objetivo de declará-los de interesse turístico com finalidade de uso não predatório (Pinto, 1998). Os recursos turísticos territoriais em um ambiente natural têm forte papel quanto ao desempenho da paisagem (Cebrián Abellán, 2013; Olmo, 2014; Pires, 2005), e como esclarece Cebrián Abellán (2013, p. 40 – tradução nossa) “em caso de recursos que são a matéria prima que alimenta o sistema turístico, existe um protagonista indiscutível, a paisagem”<sup>4</sup>. Portanto, percebe-se que há uma estreita relação entre turismo e paisagem.

### 3. PAISAGEM NATURAL E O TURISMO

A (inter)dependência e (inter)relação entre turismo e paisagem é compreendida por Knudsen *et al.* (2008) como um local onde a paisagem está relacionada a consequências de um processo das relações de identidade daquele lugar, assim como, a atividade turística que decifra a identidade na sua prática, a partir de pistas da paisagem de um determinado território. A paisagem é um dos principais “produtos” consumidos pelo turista (PIRES, 2005; SANTOS, 2015), pois, num território de um determinado espaço geográfico existem diversas paisagens, podendo ser classificadas na geografia como natural e cultural (Rodriguez, 1984; Mateo Rodriguez & Silva & Cavalcanti, 2007). Na verdade, a paisagem não consiste em um objeto, mas sim um constructo mental elaborado por determinado observador a partir de sensações e percepções apreendidas durante a contemplação de dado lugar – rural ou urbano (Maderuelo, 2010). Por sua vez, Andreotti (2008, p. 6) comenta que a paisagem vai além da sua própria definição, refletindo a sociedade e a sua história, pois, para a autora, “não pode ser separada do homem, do seu espírito, da sua imaginação e percepção”. A autora Hardt (2000) comenta que durante a Convenção Europeia de Paisagem foi definido que a paisagem é qualquer parte do território que o resultado seja a ação e interação do homem com a natureza. Ou seja, a paisagem pode ser captada pelo homem nos seus aspectos tanto rurais e urbanos, por ser uma combinação de elementos naturais e antrópicos (inter-relacionados e interdependentes) que produzem um conjunto de sensações. Portanto, a paisagem pode ser:

---

<sup>4</sup> Texto original: *en el caso de los recursos, que son la materia prima que alimenta al sistema turístico, hay un protagonismo indiscutido del paisaje.*

[...] sempre algo referente à representação e conformação dos lugares, produto dos lugares, produto da relação entre o meio natural e seus habitantes. [...] a paisagem é, assim, um recorte ou representação dos *pays* (região). [...] como um produto da ação humana sobre o meio natural (Teles, 2011, p. 23).

Para Boullón (2002, p. 117) “a paisagem é uma qualificação estética outorgada aos elementos que constituem o meio ambiente natural [...] é tradicionalmente associada ao espaço natural, seja este um lago, uma montanha nevada ou um bosque”. Oliveira, Anjos e Leite (2008, p. 5) apontam que os “estudos da percepção de paisagens e de lugares têm assumido cada vez mais papel de destaque, uma vez que expressam a preferência, o gosto e as ligações afetivas dos seres humanos e de suas comunidades para com os lugares, a paisagem e com o próprio meio ambiente”. Para Pires (2005, p. 419), a paisagem e o turismo estão cada vez mais próximos, pois:

A paisagem vem adquirindo [...] o status de recurso básico para a atividade turística, fazendo com que seja passível de ser estudada e analisada, em especial, quanto à avaliação de sua qualidade estética cujas propriedades são as que mais interessam ao turismo, constituindo-se em ponto de partida para as subsequentes avaliações de sua fragilidade e aptidão (capacidade de carga) para suportar a atividade turística.

Esta relação direta da paisagem com o turismo deve compor os direcionamentos do planejamento turístico, já que “o entendimento e a análise da paisagem constituem uma poderosa ferramenta de planejamento e gestão de atividades de lazer e turismo” (Raimundo, 2011, p. 31), principalmente, em áreas naturais como parques nacionais, que têm como um dos principais atrativos a paisagem natural. A paisagem se converte em recurso turístico, em elemento de consumo e também potencial ativo para o turismo em áreas naturais (Oliveira, 2015; Oliveira & Anjos & Leite, 2008; Raimundo, 2011). Pois, como afirma Cebrián Abellán (2013, p. 41 – tradução nossa) “a maior parte das ações destinadas a corrigir e preservar a paisagem estão concentradas em áreas naturais protegidas, para o qual há um valor ambiental e natural”<sup>5</sup>.

As áreas naturais como parques nacionais são locais propícios para a apreciação da paisagem, pois, para Boullón (2002) e Raimundo (2011) estas tornaram-se um produto turístico consumido pelo visitante, e um dos preceitos do Plano Estratégico de Turismo do Maranhão (Plano Maior 2020) no polo do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses é

---

<sup>5</sup> Texto original: *la mayor parte de las actuaciones dirigidas a corregir y conservar el paisaje se han concentrado en los espacios protegidos, a los que se supone un valor ambiental y natural.*

promover uma experiência de qualidade, mediante a qualidade paisagística existente (Maranhão, 2012).

#### 4. DINÂMICAS DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA: PARQUES NACIONAIS

A proteção aos recursos naturais tem sido tratada no âmbito internacional desde a década de 80 com a criação do Parque Nacional de *Yellowstone* nos Estados Unidos em que se privilegiava a “perspectiva preservacionista e considerava a instituição de parques como o único meio de assegurar a manutenção das condições ambientais dessas áreas” (Pellizaro, 2013, p. 27). A evolução e consolidação de critérios de manejo dos parques nacionais estavam voltadas principalmente aos aspectos do benefício e desfrute do público, espaços como recursos históricos e naturais e por fim para a conservação dos recursos naturais (Pellizaro, 2013). Mas ao longo das décadas de 60 e 70, diversas conferências foram realizadas com o objetivo de intensificar as discussões sobre a temática, considerando ultimamente a exploração e ocupação humana em parques nacionais (Brito, 2008).

Em 1992 foi definido no IV Congresso Mundial de Parques em Buenos Aires (Argentina) sete categorias de manejo de áreas protegidas, entre elas a categoria V, Paisagem Terrestre/Marinha Protegida que tem como meta a conservação da paisagem e recreação, o que justifica a pesquisa no Parque Nacional dos Lençóis (Maranhão, Brasil), quanto às influências do turismo na paisagem natural, sendo que este recurso é assegurado por uma agenda internacional (Iucn, 2008). As áreas legais no Brasil são regidas por lei através do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) que foi aprovado no Congresso Nacional em 19 de julho de 2000, instituindo-se assim a lei nº 9.985, tendo 13 objetivos, sendo três de relevância para o estudo:

- VI – proteger paisagens naturais e pouco alteradas de notável beleza cênica;
- XII – favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico;
- XIII – proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente (BRASIL, 2000).

Os objetivos acima destacados favorecem o contato do homem com o meio ambiente, promovendo a construção de um senso crítico em relação à manutenção dos ecossistemas, pois o turismo quando desenvolvido nos pilares da sustentabilidade desenvolve ações de educação em prol do bem comum (Eagles & McCool & Haynes, 2003). Segundo Costa

(2002), no SNUC existem dois grupos de unidades de conservação, sendo as Unidades de Proteção Integral e as Unidades de Uso Sustentável, onde no primeiro encontra-se a classificação de parque nacional. Mesmo com a legislação vigente, Costa (2002, p. 21) alerta que:

Embora a criação ocorra oficialmente mediante diploma legal, a existência da UC apenas se dá após a adoção de medidas concretas, ou seja, que efetivem a sua criação, tais como: demarcação de terreno; instalação de infraestrutura; colocação de recursos humanos, entre outros. As UC podem ser vinculadas a diferentes órgãos administrativos, de acordo com sua natureza, seu objetivo e seu estatuto.

Para que a área protegida no Brasil possa ser apreciada pelo turista é necessária a sua efetiva concretização nos âmbitos legais e práticos, para então tornarem-se atrativas para investidores, gestores e empreendedores do turismo (Costa, 2002).

## 5. O PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES: A ÁREA DE ESTUDO

O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNML) foi criado em 02 de junho de 1981, sob o decreto nº 86.060 (Maranhão, 1981) com o objetivo de suprir lacunas existentes em relação às Unidades de Conservação da época, “dada a sua representatividade ecológica e paisagística, quanto do resultado de reivindicações da comunidade científica e instituições ambientais do estado do Maranhão” (FERNANDES NETO, 2005, p. 87).

Sua área é de 155 mil hectares, dos quais 90 mil são constituídos de dunas livres e lagoas interdunares, e abrange três municípios maranhenses: Barreirinhas, Santo Amaro e Primeira Cruz. O Parque está inserido no bioma Marinho Costeiro e é composto de áreas de restinga, campos de dunas livres e costa oceânica (ICMBIO, 2017b).

Está distribuído em um perímetro de “270 km que se estende por uma linha de costa regular de cerca de 70 km no litoral oriental do Maranhão” (Fernandes Neto, 2005, p. 87), nas coordenadas geográficas de 02° 19’ e 02° 45’ lat. S; 42° 44’ e 43° 29’ long. W (Figura 1) (Ibama, 1989). Do ponto de vista geológico, “os Lençóis Maranhenses situam-se na Bacia Cretácea de Barreirinhas (Albiano-Campaniano), a qual localiza-se na porção nordeste do estado do Maranhão entre a baía de São José e o Delta do Parnaíba (Pamplona, 1969, p. 02). Outros dados característicos do Parque são: “[...] uma série de dunas que se prolongam desde o Golfo Maranhense até a foz do Rio Parnaíba. A costa apresenta-se baixa, com dunas elevadas, restingas, lagoas e ilhas, raros manguezais e com amplas desembocaduras” (Ibama, 1989, p. 78).



FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES



Fonte: Adaptado de Dorda (2014).

Com relação à denominação de “lençóis”, refere-se à origem atribuída à unidade:

A característica fisiográfica do Parque devido apresentar uma área de relevo plano, constituído por areias quartzosas marinhas e cordões de imensas dunas de coloração branca, as quais assemelham-se a ‘lençóis jogados sobre a cama’, originou a denominação da Unidade de Conservação de Lençóis Maranhenses (Ibama, 2002, p. 5).

O PNLM é formado por dunas com lagoas temporárias e perenes, resultado do fenômeno dos ventos e marés, que em termos planetários só ocorre no Maranhão e em uma região da Austrália e se constitui no maior campo de dunas da América do Sul (Ibama, 2002).

Apresentando morfodinâmica própria que difere de outras áreas costeiras do Brasil, com cordões de imensas dunas de coloração branca do tipo barcanas, chegando, por vezes, a 50 metros de altura, formadas por areias quartzosas marinhas alinhadas no sentido noroeste-sudeste (FERNANDES NETO, 2005, p. 88).

É considerada uma região de risco ambiental moderado (Ibama, 2002; Silva, 2008), e sua área é pouco estudada no meio acadêmico (Araújo, 2015; Ribeiro, 2017) e o turismo

surge como excepcional fonte geradora de divisas e empregos para este parque nacional (Araújo, 2015; Oliveira, 2015; Ribeiro, 2017; Silva, 2008). No entanto, as práticas esportivas e de aventura ocorrem sem a devida fiscalização e controle por parte do ICMBIO, que deveria atender toda a região do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (Ribeiro, 2017). Vê-se como necessária a ampliação da realização de pesquisas científicas sobre o turismo nos Lençóis Maranhenses, para compreender não somente como está a situação atualmente, mas também para direcionar ações, estratégias e políticas que possam orientar gestores públicos e privados para práticas de um modelo de turismo sustentável, através de metodologias adequadas e que estejam em comum acordo com a realidade local.

## 6. ESTRUTURAÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa trata-se de um estudo de caso<sup>6</sup>, pois, compreende a percepção do turista local quanto à influência do turismo na paisagem natural no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, envolvendo o aprofundamento do conhecimento específico quanto à temática (Gil, 2006). A abordagem caracteriza-se como qualitativa, visto que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas nesse tipo de investigação. Outra parte do estudo é de ordem quantitativa, frente à melhor distribuição e análise de opiniões e informações por meio de números. Dentre as várias formas classificatórias de pesquisas, adota-se a tipologia de delineamento com agrupamentos<sup>7</sup>, proposta por Vergara (2004), justificada tanto pelos fins quanto pelos meios. Quanto aos fins, é exploratória, porque “[...] é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado”, bem como descritiva, pois “expõe características de determinada população ou determinado fenômeno” (Vergara, 2004, p. 47). Quanto aos meios, envolveu procedimentos de campo, pesquisa bibliográfica e documental. Os questionários foram aplicados via internet, utilizando a ferramenta Survey Monkey<sup>8</sup> através do Facebook e por *email*. A delimitação do trecho da área pesquisada no Parque Nacional dos

---

<sup>6</sup> Estudos de caso são estratégias preferidas quando questões “como” ou “porque” estão presentes e quando o investigador tem reduzido controle sobre os eventos. Trata-se de uma investigação em que se procura compreender, descrever ou explorar acontecimentos sobre uma situação específica, e seu principal intuito reside na interação entre fatores e eventos, de forma a contribuir para a compreensão global do fenômeno de interesse (Yin, 1994).

<sup>7</sup> O delineamento com agrupamentos corresponde à escolha de um plano a ser conduzido para a investigação em relação às categorias dos objetivos, procedimentos, objetos e fontes de informação, ou seja, compreende a verificação de semelhanças entre tipologias de pesquisa (Vergara, 2004).

<sup>8</sup> Software gratuito e/ou pago, e *online* que provê pesquisas personalizadas e que em sua plataforma é possível elaborar questionários.

Lençóis Maranhenses foi baseada em critérios específicos de seleção: grau de representação turística para o Parque, nível de importância natural para o Parque e existência de intervenções públicas e privadas na paisagem natural do espaço específico, ocorridas num recorte temporal de, no máximo, 10 anos, devido os projetos turísticos e planos de manejo terem sido realizados com intensidade a partir da década de 90 (Araújo, 2015; Ribeiro, 2017).

Como resultado da aplicação desses critérios, teve-se a definição dos atrativos - Lagoa Azul, Lagoa Bonita e Praia de Caburé, por serem os mais visitados pelos turistas; pelo acesso ao local; e por constarem nos principais panfletos das agências e operadoras de turismo (Araújo, 2015; Maranhão, 2012; Ribeiro, 2017). A pesquisa de percepção foi desenvolvida por meio de métodos exploratórios e explicativos, além de técnicas de análise perceptual, realizada com a aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas com residentes da capital maranhense<sup>9</sup>, que já haviam visitado o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. A pesquisa foi realizada nos dias 23 de novembro de 2014 a 12 de janeiro de 2015, limitando-se ao processo de percepção sobre a influência do turismo na paisagem natural do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. A amostragem para aplicação dos questionários foi por acessibilidade, ou seja, em situações em que o pesquisador seleciona indivíduos aos quais tem acesso, admitindo que são representativos no universo delimitado, totalizando 75 entrevistados. Os critérios de seleção foram: turistas ludovicenses – que realizaram os passeios e permaneceram no mínimo dois dias no local. Para melhor compreender os dados coletados, utilizou-se de análise qualitativa e quantitativa conforme vê-se no próximo tópico.

## 7. RESULTADOS

O questionário aplicado continha 14 questões, sendo que inicialmente levantou-se o perfil do entrevistado com questões relacionadas ao bairro de residência do entrevistado, sendo que 13 pessoas moravam no bairro Turu, 10 no Cohatrac I e Renascença II, 8 na Cohama, 5 no Calhau, Filipinho, Ponta D'Areia e Araçagi, e 2 nos bairros do Cohatrac II, Anjo da Guarda, Bequimão, Angelim, Altos do Calhau, Cohatrac V e Parque Amazonas. Percebe-se que há uma diversidade de entrevistados residentes em bairros nos mais distintos bairros de São Luís, tanto em localidades mais próximas a praia quanto do centro. Dados de 2017 do Observatório Social de São Luís apontaram que as pessoas em São Luís possuem

---

<sup>9</sup> Quem nasce em São Luís.

renda per capita mensal de R\$ 805,36. Ou seja, os entrevistados possuíam condições financeiras para realizar os principais passeios pesquisados na pesquisa que estavam custando em média R\$ 50,00 a R\$: 80,00<sup>10</sup>.

Em seguida, perguntou-se qual o tempo de estadia que este permanecia em Barreirinhas (uma das principais cidades base para conhecer o PNML), sendo que a maior representatividade foi de 1 a 5 dias com [64 entrevistados] e de 5 a 10 dias com [11 pessoas]. De acordo com dados do Observatório do Turismo do Maranhão (2017) em pesquisa realizada na alta temporada de 2017 (primeiro semestre), os turistas permaneceram em sua maioria de 1 a 5 dias (44%), e 35% dos turistas eram procedentes do próprio estado, seguidos da região norte (29%), nordeste (19%), sudestes (9%), centro oeste (4%), sul (3%) e exterior (1%). Com esta média de permanência, se torna possível realizar os principais passeios recomendados por diversos *sites* especializados em viagens<sup>11</sup>, como por exemplo: Lagoa Azul, Lagoa Bonita, Passeio de lancha pelo Rio Preguiças, Passeio da Cardoso (Boia Cross Rio Formosa), Lagoa Verde e Canto do Atins, Lagoa da Esperança, Sobrevoos nos Lençóis, sendo que eram possíveis fazer conjugados no mesmo dia.

Sobre o perfil do entrevistado, questionou-se a idade, sendo em sua maioria com 28 a 34 anos (21), depois com 21 a 27 anos (13), de 49 a 60 anos (19), entre 42 e 48 anos (10), entre 35 e 41 anos com (9), e de 14 a 20 anos e acima de 60, ambos com [3]. Em relação à pesquisa da alta temporada 2017 (Observatório do Turismo do Maranhão, 2017), verificou-se haver aproximações entre os resultados, pois, a média das idades dos turistas que visitaram o Maranhão foi 8% (14–20 anos), 19% (21–27 anos), 21% (28–34 anos), 15% (35–41 anos), 12% (42–48 anos), 15% (49–60 anos) e 10% (acima de 60 anos). Quanto ao gênero, a maioria dos entrevistados foi do sexo feminino (32 pessoas) e 43 pessoas do sexo masculino. Dados do Observatório do Turismo do Maranhão (2017) destacaram que 46% dos turistas que visitaram São Luís na época da alta temporada 2017 eram do gênero feminino e 54% eram do gênero masculino. Em termos de escolaridade a maioria dos entrevistados mencionou possuir ensino de pós-graduação completa (56 pessoas), duas pessoas com pós-graduação incompleta

---

<sup>10</sup> Sites pesquisados em 14 de julho de 2017 - <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/07/lencois-maranhenses-ma-quando-ir-como-chegar-o-que-visitar.html> ; <http://www.melhoresdestinos.com.br/um-final-de-semana-maravilhoso-nos-lencois-maranhenses.html>

<sup>11</sup> Sites pesquisados em 14 de julho de 2017 - <http://www.viajenaviagem.com/destino/lencois-maranhenses/o-que-fazer-lencois-maranhenses>; [https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g671558-Activities-Barreirinhas\\_State\\_of\\_Maranhao.html](https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g671558-Activities-Barreirinhas_State_of_Maranhao.html); <http://www.melhoresdestinos.com.br/um-final-de-semana-maravilhoso-nos-lencois-maranhenses.html>; <https://www.feriasbrasil.com.br/ma/lencoismaranhenses/dicas.cfm?IDgrupo=21>.

e duas pessoas com graduação completa, os outros somam 15 pessoas. Analisando dados do Observatório do Turismo do Maranhão (2017) teve-se que 8,5% possuíam ensino de pós-graduação completo e 30% ensino de graduação completa. Ou seja, aproximadamente, 40% dos viajantes a São Luís possuíam formação completa em ensino superior. Quanto às profissões dos entrevistados, vê-se uma variedade quanto às áreas de atuação. Os profissionais que mais visitaram a localidade foram professor universitário (20), seguido de estudantes (6) e funcionário público (4), e outros somam 45 pessoas. Em comparação a pesquisa da alta temporada em 2017, não se tem detalhadamente a profissão em si, mas o segmento que está vinculado, onde 20% eram do setor privado, 17% eram do setor público, 21% eram autônomos, 10% eram estudantes, 12% eram aposentados, 19% marcaram a opção outros e 1% não responderam (Observatório do Turismo do Maranhão, 2017).

Com relação à percepção do entrevistado quanto aos compostos que representaram a paisagem natural do PNLM, solicitou-se que numa escala de 0 a 5 (0 – menor grau e 5 – maior grau) que enumerasse os elementos que lhe faziam lembrar da mesma (Quadro 1). Para delimitar as palavras-chave quanto à representatividade num contexto de paisagem natural do PNLM, utilizou-se o Plano de Manejo do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (Icmbio, 2002).

QUADRO 1 – ELEMENTOS QUE COMPÕEM A PAISAGEM NATURAL DO PNLM

ELEMENTOS	ESCALA					
	0	1	2	3	4	5
Água	0%	0%	2%	9%	26%	63%
Areia	0%	0%	0%	6%	14%	80%
Árvore Frutífera	15%	35%	23%	15%	6%	6%
Aves	3%	18%	18%	32%	26%	3%
Calor	0%	2%	3%	18%	18%	59%
Chuva	32%	24%	26%	12%	3%	3%
Fauna	0%	9%	46%	17%	8%	20%
Flora	0%	0%	31%	11%	29%	29%
Luminosidade	2%	0%	18%	18%	9%	53%
Mangue	9%	12%	34%	18%	18%	9%
Mar	9%	9%	14%	14%	26%	28%
Nuvem	6%	23%	18%	23%	21%	9%
Rio	0%	3%	9%	14%	12%	62%
Ser Humano	0%	18%	15%	18%	26%	23%

<b>Sol</b>	0%	0%	3%	3%	17%	77%
<b>Sombra</b>	13%	19%	28%	28%	6%	6%
<b>Vento</b>	0%	2%	6%	12%	20%	60%
<b>Outro</b>	56%	11%	0%	0%	11%	22%

Fonte: Autores (2015).

Os elementos que possuíram maior destaque de representatividade para o visitante do PNLM com valores entre 74% e 94% nas escalas 4 e 5 foram a água, areia, calor, rio, sol e vento. Ou seja, justamente os itens mais presentes em toda a paisagem do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, e que também são encontrados nos principais passeios como os analisados na pesquisa (Lagoa Bonita, Lagoa Azul e Caburé).

A grande contribuição na formação da paisagem do Parque dos Lençóis é dada pela circulação atmosférica local, [...] os ventos alísios, juntamente com as temperaturas e o regime pluviométrico, encontram um solo sedimentar e moldam um relevo suavemente ondulado coberto por campos de dunas móveis cujas configurações acompanham o sentido dos ventos (ARAÚJO, 2015, p. 41).

Os que tiveram um equilíbrio nas escalas foram os termos aves, fauna, flora, luminosidade, mangue, mar, nuvem e ser humano. Estes podem ser observados somente em determinadas épocas do ano, e também de acordo com o passeio realizado pelo turista, como por exemplo, nos passeios de “bate-volta” comercializados por agências de viagens da cidade de São Luís, estas oferecem passeios para a Lagoa Azul ou Bonita (Icmbio, 2017b).

Com relação aos termos: árvore frutífera, chuva e sombra foram os mais pontuados nas escalas de 0 a 2, pois, o período chuvoso vai de janeiro a junho, e a época de frutas no PNLM é entre setembro e novembro. Ou seja, depende do período que o turista visita o Parque para que ele possa fazer relação destes com a paisagem natural do PNLM (Icmbio, 2017b). Continuando com os questionamentos, perguntou-se quanto aos sentidos, qual a sensação que ele teve quanto à paisagem natural do PNLM. Para a audição as respostas foram:

Paz; silêncio; paz; paz; barulho do vento; boa; silêncio; tranquilidade; tranquilidade; silêncio; tranquilidade; o canto das aves e bater das árvores; som do vento; escuta-se somente o vento, esse algo se mexe na água. Uma sensação de paz; vento; tranquila; barulho do vento; cigarra cantando; musical; zoadas do vento; barulho do vento; tranquilidade; tranquilidade; vento e algumas aves; barulho de água; barulho do vento; das aves; sorrisos; barulho; paz; tranquilidade; barulho das voadeiras.

Para visão:

Tranquilidade; beleza; paz; tranquilidade; luz do sol refletida na areia; maravilhosa; paz; diversidade; belezas; brilho; raridade; imensidão; areia; Infinito; dunas; bonita; deserto das dunas; areia nas pernas; êxtase; sol forte; visão das dunas; maravilhado; um lugar lindo e limpo; dunas e piscinas naturais; intangibilidade; azul das lagoas

em contraste com o branco da areia; paisagens; paraíso; Impotência; Deslumbramento; paz; lagoas.

#### Para Olfato:

Vida; ar puro; paz; saúde; cheiro da praia; boa; ar puro; pureza; marítimo; peixe; cheiro do mar; Nada; rio; natureza; cheiro do rio; nenhuma; gosto de natureza; cheiro de terra molhada; cheiro do mar; contente; cheiro de natureza; não sabe especificar; frutas; cheiro de peixe e camarão frito; areia; camarão frito; Pureza; descanso; cheiro do peixe frito.

#### Para o tato:

Fabuloso; areia; paz; surpresa; água escorrendo pelos dedos; boa; maciez da pele; bem estra; normal; áspero; sensação dos pés tocando a areia; algo molhado; Areia pelo corpo, algo que não chega a incomodar, mas não é uma das melhores sensações; areia; humano; sal; solavancos; delicado; areia forte e densa; toque de areia em quase tudo; contente; areia quente e muito fofa, água das piscinas geladinhas e refrescantes; calor; areia; Abraço; Limite; diversão; águas do rio preguiça.

Quanto aos sentidos percebidos pelos entrevistados foi possível destacar que a configuração deste tipo de paisagem (do PNLN) na visão de Christofolletti (1980) está relacionada a um produto de vários processos e interação entre os mesmos. Além disso, percebeu-se que boa parte das citações estão relacionadas ao que D'Antonia (1997, p. 63) destacou, afirmando que “[...] as águas enchem os rios, formam lagoas (tantas quantas as dunas que compõem o deserto); o vento diminui, o mar se acalma. Durante o período seco há vento forte, as lagoas evaporam, o chão resseca e o mar fica revoltado”.

Completando, Araújo (2015, p. 36) fez a afirmação que “o fator preponderante na formação desta paisagem é a sedimentação que ocorre no litoral pela força da maré e da corrente marítima”. E completa, ratificando que “no período chuvoso que ocorre o maior acúmulo de água, pois a chuva é o principal fator responsável pela formação das lagoas que ocupam as depressões entre as dunas [...]”. Nos quatro sentidos, todos estiveram relacionados a aspectos da natureza, ou seja, dos recursos naturais existentes no PNLN, pois, como esclarecem Muñoz Flores (2008) e Rodríguez Corraliza, Gutiérrez Del Olmo e García Navarro (2002) os parques nacionais são locais preferidos para descanso, novas experiências e contato direto com a natureza. Ou seja, justamente o que foi mencionado por praticamente todos os entrevistados, a semelhança com os recursos naturais existentes no PNLN. Acrescenta-se a isso, que os “motivos para esta afinidade são múltiplos, como por exemplo,

os benefícios da vida no campo, a beleza das paisagens naturais<sup>12</sup>” (Muñoz Flores, 2008, p. 292 – tradução nossa).

Santos e Silva (2009) e Araújo (2015) destacaram que uma das maiores contribuições na formação da paisagem do PNLN está relacionada à circulação atmosférica local, pois os ventos alísios, juntamente com o regime pluviométrico e as altas temperaturas, quando encontram o solo sedimentar moldam o relevo composto por dunas móveis que acompanham a configuração do sentido dos ventos. E quanto à questão da água (recorda-se que no quadro 1, a água foi destacada com 89% somando-se as categorias 4 e 5), representada pelas lagoas e rios. Araújo (2015, p. 42) afirma que:

O regime pluviométrico é caracterizado por máximas de fevereiro a maio, chovendo cerca de 90% do total anual e mínimas de agosto a dezembro, chovendo apenas 10% do total anual. Esse regime pluviométrico permite a formação de corpos hídricos no local e conseqüentemente o desenvolvimento de vegetais.

A chuva é a principal responsável pela formação das lagoas que foram nitidamente percebidas pelos entrevistados, assim como o cheiro do mato molhado destacado em um dos comentários. Isto está relacionado ao que Hardt (2000) afirmou quanto à paisagem, em que ela produz um conjunto de sensações.

O rio Preguiças também se configura como importante curso d’água do município de Barreirinhas e das adjacências do PNLN. Navegável todo o ano, caracteriza-se como a principal via de ligação entre povoados, como Atins e Mandacaru, com a sede municipal, quando não realizado alternativamente por via terrestre (ARAÚJO, 2015, p. 44).

Quanto às mudanças significativas que a atividade turística promoveu na paisagem natural do atrativo Lagoa Azul, teve-se que 38 entrevistados mencionaram acreditar que havia ocorrido algo e os outros 37 afirmaram que nada mudou na paisagem. Instigados a justificar, se obteve as respostas que:

Tem o uso sustentável; Não observei mudanças; porque de alguns anos para cá, já são observados redução no tamanho da lagoa, assoreamento e impactos sobre as dunas que tem se reduzido; poluição, lixo, contaminação da água; Porque por conta disso, atraí lixo e outras coisas que desequilibram o meio ambiente; Sujeira; Ambiente natural; Falta uma melhor adequação de uso e melhor compreensão de quem visita o local; Não sei informar; degradação; Modificou a cidade que era mais pacata; Há uma super exploração e muita apropriação indevida dos recursos naturais. Tem lugares que você não consegue entrar.

---

<sup>12</sup> Texto original: *Los motivos para esta afinidad son múltiples: los beneficios de la vida en el campo, la belleza de los paisajes “naturales” (una continuación del ideal romántico) [...].*



Quanto às mudanças significativas que a atividade turística promoveu na paisagem natural do atrativo Lagoa Bonita, se teve que 35 mencionaram acreditar que ocorreu algo e 40 afirmaram que nada mudou na paisagem. Instigados a justificar, comentaram:

Tem o uso sustentável; Não observei mudanças; mas me parece que em menor proporção que a Lagoa Azul, posto que o fluxo de visitantes nesta lagoa se dá de maneira inferior; poluição; lixo; Ambiente natural; Falta uma melhor adequação de uso e melhor compreensão de quem visita o local; Não sei informar; acúmulo de sujeira;

Quanto às mudanças significativas que a atividade turística promoveu na paisagem natural do atrativo Caburé se obteve que 42 mencionaram acreditar que ocorreu algo e 33 afirmaram que nada mudou na paisagem. Instigados a justificar, falaram que:

Tem o uso sustentável; Não observei mudanças; Sérios impactos, uma vez que se trata de uma APP, que não admite os usos atualmente praticados, sendo assim poluição, compactação das dunas, impactos na flora e fauna são comumente observados. A própria redução da área (faixa de areia mais estreita em pouco tempo), me parece positivamente relacionada à visitação turística; poderia melhorar; Pois foram instalados restaurantes no local, modificando a paisagem natural; Tirou a beleza natural; Sim, cheia de locais que foram construídos a fim de receber os turistas, o que influenciou na paisagem natural do local; Ambiente natural; Sem planejamento adequado a interferência humana é muito grande; acúmulo de sujeira; as construções luxuosas e o custo de vida determinam e limitam a permanência das pessoas no local; Super exploração e pouca preservação.

Quanto às mudanças promovidas pelo turismo na paisagem do atrativo Lagoa Azul que lhes foram perceptíveis, se teve que 48 disseram acreditar que ocorreu algo e 27 afirmaram que nada mudou na paisagem. Instigados a justificar, apresentaram que:

Não conheço; fluxo de pessoas; Não observei mudanças; Redução do tamanho da lagoa, Água menos límpida, Dunas mais compactadas, Lixo; Poluição; Lixo na cidade, excesso de carro; maior e melhor visibilidade do local; infraestrutura, presença de guias, preservação da paisagem; Tornou as coisas mais cara; Não notei mudanças relativas à prática da atividade turística no local; Não consigo ver nenhum; Nenhuma; Não percebo; aumento do fluxo de visitantes; Nas dunas e na água; Mais conhecimento da fauna e flora desta área; Não há; presença de lixo; Não sei dizer, pois quando a conheci já estava da forma que é; Lixo, detritos humanos; Talvez algum lixo encontrado no entorno.

Quanto às mudanças promovidas pelo turismo na paisagem do atrativo Lagoa Bonita que lhes foram visíveis se teve que 28 comentaram acreditar que ocorreu algo e 47 afirmaram que nada mudou na paisagem. Instigados a justificar, observaram:

Não conheço; fluxo de pessoas; Não observei mudanças; Menos notáveis que a Lagoa Azul, mas lixo principalmente; Poluição; maior e melhor visibilidade do local; infraestrutura, presença de guias, preservação da paisagem; Não notei mudanças relativas à prática da atividade turística no local; Não existem; Nenhuma;

Não percebo; aumento do fluxo de visitantes; Nas dunas e na água; Não conheço; Não há; presença de lixo; Não sei dizer, pois quando a conheci já estava da forma que é; Talvez algum lixo encontrado no entorno.

Quanto às mudanças promovidas pelo turismo na paisagem do atrativo Caburé que lhes foram observáveis, se teve que 60 mencionaram acreditar que ocorreu algo e 15 afirmaram que nada mudou na paisagem. Instigados a justificar, mencionaram:

A construção de restaurantes tiram um pouco a beleza natural; Hotelaria; Não observei mudanças; Muito notáveis!!, poluição, compactação das dunas, impactos na flora e fauna; Maior povoamento, impactos relacionados a falta de planejamento; Sujeira; ao meu ver, o destino Caburé não é bem divulgado nem tampouco recebe a devida atenção; infraestrutura, presença de guias, preservação da paisagem; Notei a modificação da paisagem natural pois foram construídos restaurantes no local. Há agora a paisagem natural e a construída pelo homem no mesmo ambiente; Mais infraestrutura o que tira a beleza natural; A construção de Pousadas e Restaurantes; Construções de casas e restaurantes; Não percebo; hotéis, movimento, barulho, poluição, falta de saneamento, ocupação irregular do istmo; comércios; alteração na paisagem; Habitação na região; As construções de alvenaria; A área se valorizou, visto que, não era conhecida; O fluxo de pessoas transitando por lá é notoriamente maior que o da população local, proporcionando atividades ligadas ao comércio; Não vi construções novas e nem investimento em novos equipamentos turísticos; poluição visual, água suja de óleo, presença de lixo; O alto custo de vida, que dia a dia foi selecionando as pessoas pelo poder aquisitivo; Desmangue; Talvez algum lixo encontrado no entorno, casas e chalés construídos [...].?

Quanto às mudanças significativas que a atividade turística promoveu na paisagem natural dos atrativos investigados, percebeu-se que há um equilíbrio nas respostas, e somente em Caburé houve uma maior visibilidade. Fez-se notório que em Caburé, como mencionado nos comentários, predominaram os que se referiram a forte presença de pousadas e restaurantes ao longo da faixa de areia, que divide o rio Preguiças e o mar. Enquanto que nas lagoas Azul e Bonito os comentários estiveram relacionados ao fluxo de pessoas e lixo. Em pesquisa de Saldanha *et al.* (2016, p. 386):

[...] foram contabilizadas inúmeras evidências de uma cidade pouco impactada, logo limpa (sobretudo, nas zonas de maior incidência de visitantes [...] parte das amostras coletadas, tem uma relação direta com o turismo, a exemplo do material utilizado na confecção do artesanato local e dos pedaços de correias de motor das lanchas que atendem aos passeios dos turistas. É provável, que as coletas providas de pouca incidência de resíduos sólidos, tenham se dado, muito em função da disposição da atual gestão municipal, visto o seu envolvimento em uma agenda de compromissos, que dizem respeito a maior conservação do patrimônio público e do próprio atrativo turístico [...].

A citação acima destaca que o impacto do lixo produzido estava sendo mínimo na área urbana do PNLM e que possui relação com o turismo, pois, a economia do município de Barreirinhas é dependente da atividade turística (Ribeiro, 2017). Mas também os autores

afirmam em sua pesquisa que o tipo de turista que visita o PNLM é mais consciente e com características de “responsável” com o lugar que visita, ou seja, é o “turista cidadão, de características mais verdes, que cada vez mais se distancia de uma postura agressora, indulgente e libertária, os tidos como ‘devoradores de paisagem’” (Saldanha *et al.*, 2016, p. 386).

Quanto aos impactos que o turismo estava promovendo na paisagem natural do PNLM, teve-se que principalmente em Caburé e na lagoa Azul (por serem os mais visitados no PNLM) estiveram diretamente ligados aos impactos perceptíveis pelo turista. As palavras mais mencionadas pelos entrevistados foram novamente o lixo, sujeira de óleo, grande fluxo de pessoas e a construção de equipamentos turísticos. Quanto aos impactos negativos ocasionados pela atividade turística na paisagem do PNLM, Saldanha *et al.* (2016, 372) afirmaram que:

[...] faz gerar uma emissão desregrada de gases, a tida poluição do ar e também de ruídos - a poluição sonora que responde pela fuga de certos animais, visto o *stress* ocasionado neles, em áreas como as que margeiam a sede do município. Nota-se também, o derrame químico de óleo e graxa dos motores em lugares sensíveis, como as areias das dunas e os leitos do rio, uma vez que parte desta frota é antiga e com pouca manutenção.

Silva (2008) também destacou o aumento do fluxo de turistas nos locais pesquisados, o que para Yázigí (2000) ambientes como o PNLM deveriam possuir estudos de impacto ambiental. O que para Muñoz Flores (2008) os gestores dos parques nacionais devem adotar medidas extraordinárias para controlar o uso público, de forma a não comprometer os elementos naturais protegidos. Knudsen *et al.* (2008) esclareceram que na relação turismo e paisagem há um processo de identidade do local onde acontece esta integração, pois, para Maderuelo (2010) a paisagem tem algo com a observação, sensação e percepções, ou seja, justamente os sentidos questionados aos turistas quanto ao PNLM e que puderam destacar diversos aspectos que o turismo estava gerando impacto nas três localidades, pois, através da visão é possível entender todo o processo de acontecimento do turismo na região, tanto dos aspectos positivos quanto negativos, destacados nos comentários.

Hardt (2000) e Teles (2011) afirmaram que a paisagem e o turismo são justamente esta combinação antrópica e natural, e que está correlacionada a representação e conformação do lugar e que os estudos sobre paisagem e turismo têm assumido relevante papel para compreender o turista e suas ligações com o destino, sendo, inclusive utilizado como base para planos turísticos (Raimundo, 2011; Santos, 2015). No caso do PNLM, corrobora-se com

Pires (2005), em que os entrevistados perceberam existir forte relação da paisagem e o turismo nos três locais identificados, pois, para o autor a atividade turística é um recurso que expõe a qualidade estética do local, e que possui propriedades que interessam o turismo, como por exemplo, os quinze elementos analisados no quadro 1.

Sothava (1977) já destacava a necessidade de se levar em consideração os componentes da paisagem e os efeitos que surgiriam em decorrência do desenvolvimento humano e, portanto, sugeriu o uso da análise da paisagem como forma de gerir o território, pois, através da paisagem é possível compreender as inter-relações entre os componentes.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a inauguração da estrada que liga São Luís à cidade de Barreirinhas (MA-402), houve um acréscimo no fluxo de turistas para a região do parque, e o turismo passou a se desenvolver com maior rapidez. Portanto, considera-se ser relevante observar o contexto no qual a atividade passou a acontecer no parque nacional, pois, a comercialização dos Lençóis Maranhenses na mídia é a de um local “desértico” com pouca intervenção do homem. Viu-se que os elementos que compõem a paisagem natural do PNLN estiveram fortemente marcados quanto aos sentidos percebidos pelos visitantes, e que esta sensação promovida pela paisagem natural do local deve ser preservada, para que a experiência do visitante no parque seja positiva. Portanto, trabalhar a paisagem desta área protegida é adotar medidas “extraordinárias” para ordenar o território e controlar o uso turístico. Identificou-se também que as sensações são perceptíveis pelos entrevistados e que o turismo é um interventor na paisagem natural do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, sugerindo a adequada implementação de políticas públicas de cunho ambiental e turístico direcionada a uma qualidade estética da paisagem do parque, aliada a um modelo de desenvolvimento turístico sustentável.

## 9. REFERÊNCIAS

- Andreotti, G. (2008). *Per una architettura del paesaggio*. Trento: Valentina Trentini.
- Araújo, Thiago Diniz. (2015). *Análise espaço-temporal dos Lençóis Maranhenses com o uso de imagens de satélite para o planejamento ambiental*. Dissertação (Mestrado Sensoriamento Remoto) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 105f.
- Boullón, Roberto C. (2002). *Planejamento do espaço turístico*. Bauru: EDUSC.

Brasil (2000). *Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000*. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 jul..

Brenner, Ludger; Vega Leinert, Anne Cristina de la (2014). *La gobernanza participativa de áreas naturales protegidas: el caso de la Reserva de la Biosfera El Vizcaíno*. Región y Sociedad. XXVI(59), p. 183-213.

Brito, Daguinete Maria Chaves (2008). *Conflitos em unidades de conservação*. PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais. Macapá, 1, p. 1-12, dez.

Cebrián Abellán, Francisco (2013). *La función del paisaje como recurso territorial turístico en zonas de interior*. Observatorio Medioambiental. 16, p. 37-54.

Christofoletti, Antonio (1980). *Geomorfologia*. 2. ed. São Paulo: Edgar Blucher Ltda.

Costa, Patrícia C. (2002). *Unidades de conservação: matéria-prima do ecoturismo*. São Paulo: Aleph.

Cooper, Chris; Fletcher, John; Shepherd, Rebecca; Gilbert, David; Wanhill, Stephen (2001) *Turismo: princípios e prática*. Porto Alegre: Bookman.

Dias, Reinaldo (2003). *Turismo sustentável e meio ambiente*. São Paulo: Atlas.

D'antônia, Álvaro de Oliveira (1997). *O verão, o inverno e o inverso: sobre o modo de vida de comunidades residentes na região do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses*. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas. 1997. 236f. Campinas, SP.

Dorda, Clarissa (2014). *Mapa do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses*. Disponível em: <<http://www.dondeandoporai.com.br/>>. Consultado em: 17 out. de 2014.

Eagles, Paul F. J.; Mccool, Stephen F.; Haynes, Christopher D. (2003). *Turismo sostenible en áreas protegidas: directrices de planificación y gestión*. OMT: Madrid.

Fernandes Neto, José Antônio S. (2005). *Indicadores de qualidade da experiência do visitante no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses: contribuições ao manejo do uso público em unidades de conservação*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina (Dissertação). Florianópolis.

Gil, Antônio C. (2006). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Gutiérrez-Fernández, Fernando; Cloquell Ballester, Victor Andrés; Cloquell Ballester, Vicente. (2012). *Propuesta de un sistema de indicadores de sostenibilidad para áreas naturales com uso turístico, validado mediante consulta a terceros*. Anuario Turismo Y Sociedad. XIII, nov., p. 55-83.

Hardt, L. P. A. (2000). *Subsídios à gestão da qualidade da paisagem urbana*. 323 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Instituto Chico Mendes De Conservação Da Biodiversidade (ICMBio) (2002). *Plano de Manejo do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses*. Disponível em:< <http://www.icmbio.gov.br/parnalencoismaranhenses/planos-de-manejo.html>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

Instituto Chico Mendes De Conservação Da Biodiversidade (ICMBio). (2017). *Guia do visitante*. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/parnalencoismaranhenses/guia-do-visitante.html>>. Consultado em: 18 jul. 2017.

Inskeep, Edward. (1991). *Tourism planning: an integrated and sustainable approach*. New York: John Wiley & Sons.

Instituto Brasileiro Do Meio Ambiente E Dos Recursos Naturais Renováveis. (1989). *Unidades de Conservação do Brasil [(IBAMA)]. Parques Nacionais e Reservas Biológicas*. I. Ministério do Interior. Brasília.

International Union For Conservation Of Nature (IUCN). (2008). *Guidelines for applying protected area management categories*. Gland: IUCN.

Knudsen, Daniel C.; Metro-Roland, Michelle M.; Soper, Anne K.; Greer, Charler E. (2008). *Landscape, tourism and meaning*. Reino Unido: MPG Books.

MADERUELO, Javier. (2010). *El paisaje urbano*. Revista Estudios geográficos, Madrid, LXXXI(269), p. 575-600, jul.-dez.

Maranhão. Governo do Estado. (1981). *Decreto nº 86.060 de 02 de junho de 1981. Cria, no Estado do Maranhão, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, com os limites que especifica e dá outras providências*. Diário Oficial [do] Estado do Maranhão, Poder Executivo, São Luís, MA, 02 jun.

Maranhão. Governo do Estado. (2012). *Plano Estratégico de Turismo do Estado do Maranhão: Plano Maior 2020 – Relatório Final*. São Paulo: Chias Marketing.

Mateo Rodriguez, Jose Manuel; Silva, Edson Vicente Da, Cavalcanti, Agostinho Paula Brito. (2007). *Geocologia das paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental*. Fortaleza: Edições UFC.

Moraes, Luís Carlos Araújo de. (2014). *Sistema integrado de gestión como una herramienta para la conservación del ambiente para la práctica del turismo: una propuesta metodológica*. TURyDES. 17(16), jun., p. 1-15.

Muñoz Flores, Juan Carlos. (2008). *El turismo en los espacios naturales protegidos españoles, algo más que una moda reciente*. Boletín de la A.G.E., 46, p. 291-304.

Newsome, David; Moore, Susan A.; Dowling, Ross K. (2013). *Natural area tourism: ecology, impacts and management*. 2. ed. Reino Unido: MPG Books Group.

Observatório Social De São Luís. (2017). *Indicadores sociais de São Luís*. Disponível em: < <http://nossasaoluis.org.br/slz2014/>>. Consultado em: 15 jul. 2017.

Observatório do Turismo do Maranhão (2017). *Pesquisa de demanda turística - alta temporada 2017*. São Luís.

Oliveira, J. P. de; Anjos, F. A. dos; Leite, F. C. de L. (2008). *O potencial da paisagem urbana como atratividade turística: um estudo sobre a paisagem de Brasília-DF*. Revista Interações, Campo Grande, 9(2), jul./dez., p.159-169,.

Oliveira, Wellington Romão (2015). *A geocologia das paisagens como subsídio ao planejamento turístico em unidades de conservação*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Universidade Federal do Ceará. 165f.

Olmo, Rafael Mata (2014). *Paisajes para un desarrollo sustentable y participativo*. Revista Urbano. 30, nov., p. 8-21.

Pamplona, H. R. P. (1969). *Litoestatigrafia da bacia cretácea de Barreirinhas*. Rio de Janeiro. Bol. Tec. Petrobras, 12(3).

Pellizarro, Patrícia Costa. (2013). *Paisagem protegida em áreas urbanas: duas realidades – Brasil e Itália..* 313f. Tese (Doutorado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

Picornell, Climent. (1993). *Los impactos del turismo*. Papers de Turisme.11, p. 65-91.

Pinto, Antônio Carlos Brasil. (1998). *Turismo e meio ambiente: aspectos jurídicos*. Campinas: Papyrus,.

Pires, Paulo dos Santos. (2005). *A análise de indicadores da qualidade visual como etapa de caracterização de paisagens turísticas: uma aplicação do distrito-sede de Porto Belo-SC*. Revista Visão e Ação, Balneário de Camboriú, 7(3), set./dez., p. 417-426.

Raimundo, Sidnei. (2011). *Paisagem, turismo e análise ambiental*. In: Teles, Reinaldo M. de Sá (org.). Turismo e meio ambiente. Rio de Janeiro: Elsevier, cap. 2.

Ribeiro, Rua Tavares. (2017). *Hospitalidade e competitividade em unidades de conservação: estudo de casos múltiplos na Rota das Emoções*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade). Universidade Anhembi Morumbi. 320f.

Rodríguez Corraliza, José Antonio; Gutiérrez Del Olmo, Enrique Valeo; García Navarro, Justo. (2002). *Los Parques Naturales en España: conservación y disfrute*. Madrid, Fundación Alfonso Martínez Escudero y Ediciones Mundi-Prensa S.A.

Rodriguez, Jose Manoel Mateo (1984). *Apuntes de geografia de los paisajes*. La Habana: Editorial ENPES.

Ruschmann, Doris. (2003). *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. 10. ed. São Paulo: Papirus.

Saldanha, Marcelo Aragão; Bello, Leonardo Augusto Lobato.; Vinagre, Marco Aurélio Albuquerque; Lopes, Maria Lúcia Bahia (2016). *As relações do Turismo com a produção de resíduos sólidos na cidade de Barreirinhas (MA)*. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, 9(2), mai/jul., p.366-389.

Santos, J. H. S. Dos; Silva, J. X. da. (2009). *Datação e evolução dos campos de dunas eólicas nativas dos Lençóis Maranhenses*. In: Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 13, 2009, Viçosa. Anais... Viçosa-MG: UFV, 1. Artigos, p. 1 - 17. CD-ROM.

Santos, Saulo Ribeiro dos. (2015). *Paisagem solidária: indicadores de sustentabilidade urbana em área turística funcional do centro histórico de São Luís, Maranhão*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana). Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUCPR, Curitiba. 599f.

Segrado Pavón, Romano Gino; Serrano Barquín, Rocío del Carmen; Mínguez García, María Del Carmen; Cruz Jiménez, Graciela; Juan Pérez, José Isabel. (2013). *Estrategias de control de impactos turísticos en las áreas naturales protegidas y zonas arqueológicas de Quintana Roo, México*. CULTUR, 7(3), Out.

Silva, David Leonardo Bouças da. (2008). *Turismo em unidades de conservação: contribuições para a prática de uma atividade turística sustentável no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília. 206f.

Sotchava, V. B. (1977). *O estudo dos geossistemas*. Métodos em Questão, 16, São Paulo, IGOUSP.

Teles, Reinaldo M. de Sá. *Turismo e meio ambiente ou turismo de natureza? Alguns apontamentos para organização*. (2011). In: Teles, Reinaldo M. de Sá (org.). Turismo e meio ambiente. Rio de Janeiro: Elsevier, cap. 1.

Vergara, Sylvia Constant. (2004). *Projetos e relatórios em administração*. São Paulo: Atlas.